



Cartografia do Inundômetro: Espectralidade e Tragédia Climática

Celma Paese^{1*}, Daniela Mendes Cidade² e Marjory da Motta Martins³

¹ Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, CEP 90050-170 Porto Alegre, Brasil;
E-mail: celmapaese@ufrgs.br

² Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, CEP 90050-170 Porto Alegre, Brasil;
E-mail: daniela.cidade@ufrgs.br

³ Memorial do Rio Grande do Sul, SEDAC-RS, CEP 90010-191 Porto Alegre, Brasil;
E-mail: marjory-martins@sedac.rs.gov.br

* Contato principal

Resumo

Esse trabalho se apresenta como ensaio visual da produção fotográfica resultante da ação urbana 'Cartografia do Inundômetro', realizada na Praça da Alfândega em Porto Alegre, RS, Brasil, em 2025, um ano após a histórica enchente de 2024. O Inundômetro, uma régua de dois metros de altura, marcada na cota de 1,72m, foi instalada no meio urbano como monumento efêmero e disparador de narrativas. Esse dispositivo confronta o cotidiano apressado e materializa visualmente o nível atingido pelas águas durante a maior enchente que atingiu a cidade e o estado do Rio Grande do Sul, Brasil, tornando o risco climático tátil e corpóreo para os transeuntes. A ação é resultado da parceria entre extensão universitária através do projeto 'Cartografia da Hospitalidade' e o Memorial do Rio Grande do Sul, e teve como objetivo propiciar a escuta sensível. O acervo gerado constitui uma cartografia afetiva da tragédia que aqui se apresenta como ensaio fotográfico do que restou como imagem da ação. Durante o evento, os passantes foram convidados a medir a catástrofe na escala do próprio corpo, compartilhando memórias, testemunhos e traumas que as fachadas limpas da arquitetura do entorno não mostram mais. Partindo de Derrida e Mondzain, o Inundômetro, a ação e a imagem fotográfica operam como espectro que suspende a linearidade do tempo, unindo a presença do corpo à ausência da água. Ao transformar o luto em potência criativa e crítica, o projeto impulsiona a urgência de ações protetivas e a reinvenção do habitar contemporâneo.

Palavras-chave: cartografia; ação urbana; espectros; emergência climática; Porto Alegre.

Inundometer Cartography: Spectrality and Climate Tragedy

Abstract

This essay is supposed to be a photographic result of the urban activity 'Inundometer Cartography', carried out in Alfândega Square, Porto Alegre, RGS, Brazil in 2025, one year after the historical flood occurred in 2024. Inundometer, a two meters ruler, was marked at 1,72m, as that was the height the waters achieved in that part of the city. This ruler was installed in the urban center as an ephemeral monument and as a device of narratives trigger. The Inundometer also withstands the urgent everyday life, when shows the level achieved by the waters during the largest flood in Rio Grande do Sul, Brazil, turning the climate risk into a tactile and corporal experience for passersby. This activity is a result from a partnership between the university extension project 'Cartography of Hospitality' and Memorial of Rio

Grande do Sul, an institution of Culture Secretary of State, and they intended to encourage sensitive listening. The compiled material appoints to an affective cartography of the tragedy, that is presented here as a photographic essay. During the event the participants were asked to measure the catastrophe according to their own bodies, sharing memories, testimonies and traumas that the buildings surrounding the region are not showing anymore. Referring to Derrida e Mondzain, Inundômetro, the activity and the photographs function as a specter that ceases the linear time, joining the material body to the absence of the water. As grief is converted into creative and critical strength, the project promotes urgent protective actions and the re-invention of contemporary habitation.

Keywords

Cartography; urban activity; specters; climate emergency; Porto Alegre.

1. Cartografia do Inundômetro: ação urbana

Em uma tarde ensolarada de maio de 2025, sob a sombra da memória, na praça da Alfândega, em Porto Alegre, nos encontramos pela primeira vez diante do Inundômetro: uma régua de dois metros de altura com a implacável cota de 1,72m inscrita como uma ferida em seu corpo, assinando a altura que a água alcançou naquele chão. Um ano após a maior enchente que atravessou o estado do Rio Grande do Sul, buscávamos vestígios da água que manteve a praça submersa por mais de um mês.

Olhamos ao redor: o sol atravessando as copas das árvores, os desenhos das sombras projetadas, os transeuntes passando para lá e para cá, os pombos que se aproximam e se distanciam, e a arquitetura imponente do Museu de Artes do Rio Grande do Sul e do Memorial do RS, silenciosas, sem nenhuma cicatriz do nível d'água em seus corpos. Como fazer emergir no cotidiano apressado de quem por ali hoje passa, os rastros da memória da enchente?

O Inundômetro surge como um corpo visível da tragédia. Tão estranho naquele contexto que se torna monumento efêmero da água e do trauma. O Inundômetro e os sujeitos que o sustentam definem a ação urbana, onde a régua assume o papel de disparador para narrativas. Ao convidar os transeuntes para trazer ao presente as lembranças, testemunhos e fantasmas da inundação de 2024, constitui-se um processo cartográfico: 'Cartografia do Inundômetro'. A 'Cartografia do Inundômetro', tecida pelas mãos

do projeto de extensão universitária¹ 'Cartografia da Hospitalidade' num abraço com o Memorial do Rio Grande do Sul, nasce desse desejo de acolher a dor e a memória. É um gesto extensionista e cultural que se lança sobre a ferida aberta pela enchente histórica que inundou Porto Alegre e o Rio Grande do Sul em 2024, para não nos deixar esquecer. Dessa forma, propomos uma cartografia que, antes de ser o desenho do espaço, registrou marcas que aquele evento neste Sul do Mundo deixou em nós.

Diante do colapso das emergências climáticas, a universidade se fez rua abrindo espaço para a memória. Articulamos os saberes acadêmicos ao pulso da vida comunitária, buscando um olhar que não apenas constate o trauma coletivo, mas que proponha caminhos para a resiliência. Propomos uma leitura sensível e fenomenológica da cidade: o reconhecimento de que o espaço edificado vai além de abrigo e cenário, para assumi-lo como lugar ativo onde a vida acontece para, nos momentos de crise, revelar as fragilidades que habitam nas dinâmicas sociais.

Escolhemos a Praça da Alfândega como ancoragem. Esse sítio de centralidade histórica, tombado pelo afeto e pelas instituições de preservação patrimonial (IPHAN/IPHAE)¹, abriga a potência simbólica necessária para materializar a catástrofe hídrica no corpo da metrópole. Ali, sob a sombra da memória da cidade, o Inundômetro transcendeu o artefato. Ele se fez um instrumento de pedagogia espacial e de engajamento dos afetos (ESPINOZA, 2009). Ao

1 - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ IPHAE - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

materializar o desastre, tornou o risco tátil, confrontável. Sua presença convidou passantes que por ali cruzavam a medir o evento extremo não por estatísticas, mas pela escala visceral do próprio corpo: Onde a água bateria em mim? Essa ressonância arquitetônica e urbanística devolveu ao transeunte a dimensão exata do nosso lugar diante da memória, da natureza e do patrimônio. Para costurar essas percepções, a praça transformou-se em um grande círculo de encontro. Em duas datas (10 de maio e 12 de junho de 2025), entregamo-nos à escuta sensível. Acolhemos narrativas espontâneas e registramos em fotografia os corpos junto à marca da água, transformando o coração de Porto Alegre em um fórum a céu aberto sobre a nossa vulnerabilidade.

1. Inundometer Cartography: urban activity

In May 2025, during a sunny afternoon - haunted by memory - we met at Alfândega Square in Porto Alegre for the first time with the Inundometer. The two meters ruler with the relentless 1,72m flood spot, marked as a wound in its body, signaling the height the waters achieved in that area. One year after the largest flood that crossed the state of Rio Grande do Sul, we looked for water evidence that kept the square submerged for more than a month. We took a moment to look around the place: the sunlight through the treetops, the drawings of the projected shadows, passersby wandering around, pigeons coming and going - and the portly architecture of Art Museum of Rio Grande do Sul Building and Memorial of Rio Grande do Sul Building, silent, without a single scar of the water level on their bodies. How could the flood memory emerge from the urgent everyday life? How could subtle flood vestiges touch those hurry people moving around?

Inundometer appears as a visible and concrete figure of the tragedy. The two-meter ruler has a weird connotation in that context, so it becomes an ephemeral monument to water and trauma. Inundometer and the individuals that carry it are the ones that define the urban activity, where the ruler becomes the narratives trigger. When passersby were invited to bring back memories, testimonies and

ghosts from the 2024 flood, a cartographic process was established: 'Inundometer Cartography', woven by university extension project 'Cartography of Hospitality's hands and hugged by Memorial of Rio Grande do Sul, so it was born the desire to welcome pain and memory. It is a very large and cultural attitude, that is thrown over an open wound by the historical inundation that devastated Porto Alegre and Rio Grande do Sul in 2024, to let us not forget. In this way, we propose a cartography, not only a drawing space, but a record of the marks that the flood left on us.

Due to climate collapse, university went to the streets opening space to memory. Academic knowledge was aligned with population pulse of life, searching for an observation that not only verifies the common trauma, but also suggests resiliency ways. A sensitive and phenomenological view of the city is proposed: recognizing that the edified space is more than scenery and shelter, it means that is an active space where life takes place; so, during crisis moments, it discloses the weaknesses that reside in social dynamics.

Alfândega square was chosen as an anchorage. This historical central place was declared historical heritage by affection and by patrimonial preservation institutions (IPHAN / IPHAE)². It is found there is the necessary symbolic strength to materialize the hydric catastrophe on the metropolis body. There, under the city memory shadow, Inundometer transcended the ruler. It turns itself into a pedagogical spacial instrument that promotes affective connection, (ESPINOZA, 2009). By materializing the disaster, the risk becomes tactile and something to be faced. Inundometer invited passersby to measure the extreme event, not the statistics, but by the visceral body scale of their own bodies; at what level would the water reach me? This architectonic and urbanistic resonance returned to passersby the exact dimension of our place in relation to memory, nature and patrimony. In order to sew these perceptions, the square became a big meeting circle. On May 10th and on June 12th, 2025, sensitive

2 - IPHAN - Institute of National Historical and Artistic Heritage/ IPHAE - Institute of Historical and Artistic Heritage of the State of Rio Grande do Sul.

listening was prioritized. Spontaneous narratives were welcomed and bodies next to the flood mark were photographed, changing Porto Alegre heart in an open sky forum about our vulnerability.

2. O espectro da tragédia

A 'Cartografia do Inundômetro' transborda o mero documento: Atua como guardião da memória coletiva ao convidar cidadãos a compartilharem suas histórias em imagem e palavras. Enquanto as narrativas atuam como 'conjuração' dos rastros da tragédia, a imagem fotográfica recusa a linearidade: ela congela em uma fração de segundo a presença do humano e do artefato na praça, e o lança para o futuro, permitindo que o passado nos encare de volta. Talvez o registo seja um 'entrelugar', o espectro fotográfico não pertence ao passado (pois a imagem está aqui) nem ao presente (pois o momento já se foi). Articula-se dessa forma a fotografia como agente da ideia de hauntologia em Derrida (1994).

Invocando Hamlet (The time is out of joint), o filósofo critica a linearidade do tempo, mostrando que o presente nunca é pleno em si mesmo: Enquanto é constantemente invadido por promessas não cumpridas, nele habitam fantasmas do passado que se recusam a morrer.

Por sua natureza, a fotografia reforça o caráter fantasmagórico nos lembrando sempre que uma imagem é a presença de uma ausência. Para Mondzain (2015) a fotografia tomada como imagem crítica torna-se uma imagem da memória: produzida a partir de uma situação anacrônica que se configura no presente. Sem reproduzir o passado, a imagem da memória – a imagem crítica – reinventa o que a originou. A imagem crítica coloca em conflito, assim como a imagem inquietante, não representa a cidade e uma situação passada com os seus fantasmas, mas sim uma imagem que surge da reconstrução como algo concreto, como crítica do passado e do presente, das gerações passadas pairando sobre o presente. A imagem inquietante utiliza o estranhamento como provocação para desencadear o processo de crítica de um outro sentido não apenas da arquitetura enquanto estrutura física e técnica no contexto das emergências climáticas, mas, sobretudo, daquele tempo “fora dos eixos” nos confrontan-

do com espectros que se manifestam por rastros do que já passou, do que está por vir (DERRIDA, 1994).

Assumindo que a própria realidade também é feita de fragmentos e heranças, convidamos os transeuntes a invocar os espectros da enchente, e consolidamos um acervo que é, na sua essência, uma cartografia afetiva da tragédia: Onde a água ainda vive em mim?

A ação urbana como gesto que une arte e cidade se torna um levante, conforme Didi-Huberman (2017): “antes mesmo de começar e levar adiante uma ação voluntária e compartilhada, o levantar-se se faz por um simples gesto que, de repente, vem revirar a prostração que até então nos mantinha submissos”. A partir dos encontros propiciado pela ação da 'Cartografia do Inundômetro' o que resta é a possibilidade de transformar o luto em potência criativa, fazendo do trauma e da imagem como denúncia a inadiável necessidade de ações para a proteção da vida e reinvenção do nosso habitar.

2. Tragedy Specter

'Inundometer Cartography' overflows the document: it functions as common memory guardian when invites citizens to share their histories in images and words. As narratives operate as “conspiracies” of the tragedy traces, the photographic image refuses the linearity: it freezes in a second fraction the human and the ruler in the square - launching into the future, allowing the past to face us again. Maybe the record is a “between places”; the photographic specter does not belong to the past (as the image is here), but it does not belong to the present either (as the moment has already gone). From this perspective, photography is associated with hauntology agents in Derrida (1994).

Referring to Hamlet (“The time is out of joint”), the philosopher criticizes time linearity, showing that present is never absolute in itself; while it is constantly invaded by unfulfilled promises, past ghosts who live there refuse to die.

Due to its nature, photography reinforces its phantasmagoric character, always reminding us that an image is the presence of an absence. According to Mondzain (2015) a picture taken as a critical image becomes a memory

image: it is produced from an anachronic situation conceived in the present. The memory image, that is the critical image, does not reproduce the past – in fact, it re-invents the image, that originated it.

The memory image is also a disturbing image; therefore, it causes weirdness and that provokes a critical thinking process. The disturbing image instigates a perception, not only of the physical and technical architecture in the site of the flood, but especially of uncertain moments, when specters' tracks are manifested by what has already happened and what will happen (DERRIDA, 1994).

Taking into consideration that reality itself is also made of fragments and heritage, passersby were invited to call the flood specters. So, a legacy was compiled, that is, essentially, an affective cartography of the tragedy: Where does the water still live in me?

By recognizing the urban activity as a gesture that links art and city, it becomes an insurrection: according to Didi-Huberman (2017, p.117): “even before starting and conducting a shared voluntary action, insurrection happens by a simple gesture, that suddenly, arises to change prostration, that has kept us subordinate until now”.

The activity ‘Inundometer Cartography’ instigates the possibility of changing grief and trauma into creative strength and turning image and testimony into accusation. And then, the reflection remains: the actions to protect life and to re-invent our habitation are undelayable - what is necessary to accomplish them?

Figura 1. Cartografia do Inundômetro. Ação em processo. Fotografia: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figura 2. Caetano: domingo, dia quatro se eu não me engano, eu tive que sair de casa, eu e meus pais. Cartografia do Inundômetro. Fotografia: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 1. Inundômetro Cartography: Activity in process. Photography: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Source: Cartography of Hospitality Patrimony.

Figure 2. Caetano: Sunday, day 4: “If I am not mistaken, I had to leave home with my parents. Inundometer Cartography. Photography : Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Source: Cartography of Hospitality Patrimony.





Figura 3. Cartografia do Inundômetro. Ação em processo. Fotografia: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figura 4. Odete: o material que ficou aqui foi todo por lixo e eu não tive um ressarcimento. Cartografia do Inundômetro. Fotografia: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.



Figure 3. Inundômeter Cartography: Activity in process. Photography: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Source: Cartography of Hospitality Patrimony.

Figure 4. Odete: "The material que we had here was thrown into the trash, I had no reimbursement." Photography: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Source: Cartography of Hospitality Patrimony.



Figura 5. Cartografia do Inundômetro. Ação em processo. Fotografia: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 5. Inundômeter Cartography: Activity in process. Photography: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Source: Cartography of Hospitality Patrimony.

Figura 6. Paulo: trabalho na naquela na esquina ali; não pude mais voltar pro meu trabalho por dois meses. Cartografia do Inundômetro. Fotografia: Pedro Gonçalves. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 6. Paulo: “I work on that corner over there: I couldn’t go back to my work for two months.” Inundômeter Cartography: Activity in process. Photography: Pedro Gonçalves Source: Cartography of Hospitality Patrimony.



Figura 7. Cartografia do Inundômetro. Ação em processo. Fotografia: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 7. Inundômeter Cartography: Activity in process. Photography: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Source: Cartography of Hospitality Patrimony.

Figura 8. Alfa: desci do sétimo andar numa cadeira de rodas...me colocaram na lancha da Brigada eu e meu papagaio. Cartografia do Inundômetro. Fotografia: Pedro Gonçalves. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 8. Alfa: "I went down seven floors in a wheelchair... they put me in a Brigada boat, my parrot and I." Inundômeter Cartography: Activity in process. Photography: Pedro Gonçalves Source: Cartography of Hospitality Patrimony.



Figura 9. Cartografia do Inundômetro. Ação em processo. Fotografia: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 9. Inundômeter Cartography: Activity in process. Photography: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Source: Cartography of Hospitality Patrimony

Figura 10. Alexandre: foi ruim. Faleceu muitas pessoas em situação de rua. Cartografia do Inundômetro. Fotografia: Pedro Gonçalves. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 10. Alexandre: "It was bad". A lot of homeless people died." Inundômeter Cartography: Activity in process. Photography: Pedro Gonçalves Source: Cartography of Hospitality Patrimony



Figura 11. Cartografia do Inundômetro. Ação em processo. Fotografia: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 11. Inundômetro Cartography: Activity in process. Photography: Ingrid Grünhäuser Lutckmeier. Source: Cartography of Hospitality Patrimony

Figura 12. Gabriela: a água subindo foi bem triste...a gente tava trabalhando e teve que fechar tudo em correr de Volta casa e ficar preso no centro. Cartografia do Inundômetro. Fotografia: Pedro Gonçalves. Fonte: Acervo Cartografia da Hospitalidade.

Figure 12. Gabriela: "The water rising was very sad... we were working, we had to close everything go back home very fast and we got stuck downtown." Inundômetro Cartography: Activity in process. Photography: Pedro Gonçalves Source: Cartography of Hospitality Patrimony

Referências/References

Derrida, Jacques (1994). *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. Relume Dumará.

Didi-Huberman, G. (2017). *Levantes*. Edições SESC São Paulo.

Espinosa, Baruch (2009). Parte III: Da origem e da natureza dos afetos. In: ESPINOSA, Baruch. *Ética. Autêntica*. 97-152.

Mondzain, M. (2015). *Homo spectator: ver, fazer ver*. Orfeu Negro.

ⁱ Projeto de extensão vinculado à Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desenvolvido através da Pró-reitoria de Extensão (PROEXT/UFRGS). Em 2025 firma parceria com o Memorial do Rio Grande do Sul através do Setor Educativo.

